

VOO LIVRE

revista literária

Ano 1
Nº 6



Um cheio de romance de
Alexandra Jacob



O novo livro de
Itanira Soares

Julie Veiga, a
antologista que dá
voz às mulheres

*E muito mais para ler
e se encantar...*

A REVISTA:

A **Voo Livre Revista Literária** surge num momento em que o meio literário brasileiro está carente de novas ideias para divulgar autores e livros. Quem escreve sabe que os custos para publicar e divulgar suas obras são muito altos e que praticamente não há respaldo das editoras nessa tarefa.

Rebatendo a velha ideia de que “*brasileiro não lê*”, sabemos que os leitores estão em todos os cantos, ávidos por conhecer as histórias e poemas que são criados por nossos escritores tão criativos, basta que autores e leitores se encontrem de alguma forma, e isso pode ser presencial ou virtual.

Diante dessas questões, que afligem quem participa do mercado doméstico de livros, a **Voo Livre Livraria e Editora**, estabelecida desde 2015 em São Paulo, com uma história de divulgação de autores alternativos e seus livros desde seus primórdios, decidiu arregaçar as mangas e criar uma forma diferente de apresentar os atuais escritores a um novo público.

O CONTEÚDO:

Preparada pela escritora, editora e livreira **Marina Marino** e pelas colunistas **Adriana Santiago**, **Aldirene Máximo**, **Sônia Castro Coelho** e, a partir desta edição, **Eliaquim Batista**, além de autores convidados, a revista é mensal e contém diversas colunas, com o objetivo de divulgar vários autores ao mesmo tempo, garantindo assim um conteúdo de excelência, para a fidelização dos leitores.

*Convidamos você a conhecer o nosso número 6.
Aproveite a leitura...*



Sumário



**Reportagem de Capa:
Aldirene Máximo
entrevista Jullie Veiga**

6

30



Texto da Alexandra Jacob

43



**Pontes de Cordas: projeto que
dá novo fôlego ao Cordel**

14



**Inexplicáveis Poemas, novo
livro da Itanira Soares**

E muito mais...

<i>Editorial</i>	04
<i>Reportagem de Capa</i>	06
<i>Lançamento</i>	14
<i>Adriana Convida</i>	16
<i>Coluna do Eliaquim</i>	24
<i>Espaço da Poesia</i>	28
<i>Saiu na Antologia</i>	30
<i>Dicas da Adriana</i>	38
<i>Projeto de leitura</i>	43
<i>Série Literária</i>	46

Nosso número 6

2.020 foi um ano esquisito. Pandemia, mortes, confinamento, tudo isso nos fez repensar a vida, o mundo e o que nós temos a oferecer. Talvez por isso tenha sido um ano de muito trabalho literário.

Sentimos falta do contato que a atividade literária proporciona, é certo, os encontros nas livrarias, os saraus, a Bienal. Mas procuramos dar continuidade aos sonhos, transformando-os em virtuais.

E apoiados nas plataformas que a tecnologia ofereceu, os escritores e editores aproveitaram para criar. Foram lançamentos de livros nas redes sociais; tertúlias; feiras de livro; leituras poéticas; revistas literárias, como a nossa, proliferaram na internet; até o centenário de Clarice Lispector foi divinamente comemorado via on-line, num zoom literário.

Chegamos em 2.021, ainda sem saber bem o que virá, mas cheios de experiências novas que nos ensinaram a manter a literatura viva. E, por aqui, continuamos a promover o grande encontro das linguagens literárias, ofertando aos nossos leitores pretextos para repensarem a vida, as escolhas, como para se encantarem com as obras literárias aqui apresentadas, com o íntimo dos autores que se manifesta em cada uma de suas criações.

A literatura nos uniu e reinventamos 2.020. Que esses laços se estreitem ainda mais e tenhamos um 2.021 surpreendente.

Marina Marino
Escritora, editora, livreira

“A vida só é possível
reinventada.”
Cecília Meireles



Reportagem de Capa

**Aldirene Máximo
entrevista Jullie Veiga**

A Literatura Feminina tem conquistado o mundo! Isso é lindo e cada dia mais necessário. Saber que existem mulheres fortes, resistentes e resilientes, que andam de mãos dadas conosco é motivador!

Minha Amiga - irmã, Jullie Veiga, aceitou conversar comigo sobre os projetos lindos que tive a honra de "gestar" com ela. E também sobre seus tantos voos: "Ela e as Letras".

Elas e as Letras é um sonho antigo. Está no 4º ano. Como surgiram as ideias para cada temática? Está realizada?

Verdade... [pensativa]

Nossa, estamos chegando ao 4ºano de projeto. De longe viemos. Digo viemos porque um livro como esse não se faz sozinha. Parcerias nasceram antes e durante os processos.

Elas e As Letras: projeto guardado - por anos - na gaveta dos sonhos esperando a realização.

Em 2017, após a 1ª experiência como antologista em parceira com a escritora Aldirene Máximo, houve um entendimento para a possibilidade real, concreta,



Aldirene Máximo é poeta, escritora, antologista.

É também colunista da Voo Livre Revista Literária, responsável pela coluna Aldirene Entrevista.

Nesta edição, Aldirene entrevista sua amiga e parceira Jullie Veiga.

palpável: livro físico.

Arriscado, certamente. Havia medo, mas havia uma coragem de tentar.

Pois que me nasceram coragens...

Um livro complexo, demorado para ser concluído, diferenciado dos demais, abrangendo as diversas literaturas femininas e feministas, publicação da diversidade dessas letras. Reunião também de arte, pois que contamos com a participação das obras de uma artista visual iniciando cada sessão da obra.

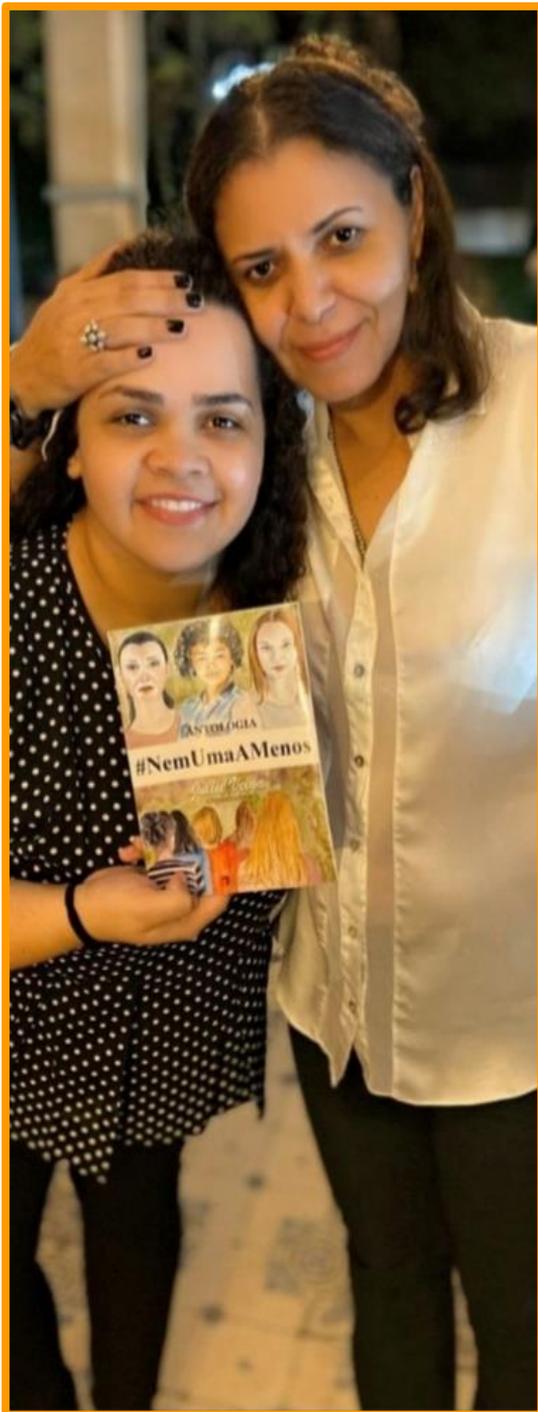
Com temáticas muito pensadas e repensadas, até que sejam definidas. Há uma razão para cada uma delas. Nada chegou aleatório. E como precisamos estar atentas a tudo!

Em 2019, por exemplo, teríamos um livro dedicado às escritoras negras, mas a ONU declarava aquele como o Ano Internacional das Línguas Indígenas. O livro que até então seria tema de 2020, ocupou o lugar do livro de 2019 e feminageamos



Eliane Potiguara, que carrega muito além da palavra que é raiz ancestral de todas nós, enquanto escritora e poeta indígena. Ainda tivemos a participação de Márcia Kambeba e poema-oração dedicado aos povos originários.

Naquele mesmo ano surgiu a sessão: "Grito de Mulher: Meu Lugar de Fala", com relatos das escrevivências de uma mulher negra, de uma mulher indígena e de uma mulher lésbica. Três mulheres em narrativas muito particulares de suas escritas.



#NemUmaAMenos é um projeto mais profundo, pois dá voz a temas mais delicados e ainda pouco debatidos. O que pode nos dizer sobre a missão que ele traz?

NemUmaAMenos foi, talvez, até aqui, a obra mais dolorosa de organizar, pois trazia/traz a dureza das violências que todas nós já passamos ou passaremos um dia, por simplesmente sermos mulheres.

Poemas e contos de uma realidade tão cruel que nos perpassava cada leitura. Como se abrisse feridas, como não cicatrizasse as que já estavam abertas, como soubéssemos uma vez ali, expostas, sempre.

Nada no livro é puramente ficcional, ainda que cada autora declare assim seus escritos.

Sabemos que em algum lugar, uma mulher viveu aquela situação.

Estamos todas, direta ou indiretamente, ligadas ao tema.

E juntas resistimos melhor. Há amparo afetivo e nas palavras. Não nos sabermos sozinhas é confortável.

Desse modo, acredito que a missão da obra é de união, sobretudo. Apesar do medo, da vergonha, do enfrentamento, das violações que todas nós passamos dentro da violência. É entendermos que precisamos falar, precisamos falar e escrever sobre a violência contra as mulheres. O livro é só um espaço de ocupação dessas letras que gritam por liberdade. É a nossa vez de falar, escrever, publicar. Já nos calaram tempo demais.



O Movimento Palavras Pretas dá voz a mulheres negras. Conte-nos um pouco sobre esse projeto.

Naquela mesma gaveta dos sonhos havia um projeto como este. Não este, exatamente, mas com aspectos semelhantes e outros melhorados.

Não havia, por exemplo, um nome. Tudo girava muito em torno de "Palavras Pretas", mas faltava algo.

Em diálogos com a escritora e poeta Joice Aziza De Mendonça, chegamos à definição do que faltava: "MOVIMENTO".

Por que "Movimento"? Estávamos muito fundamentadas no pensamento de Angela Davis sobre os movimentos da mulher negra na sociedade. Sim, de fato, "quando a mulher negra se movimenta toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela."

Firmadas nesse pensamento, e trazendo-o para o nosso universo literário, pensamos que as vozes das Mulheres Negras Brasileiras (tantas vezes apagadas e silenciadas) precisavam estar no lugar que lhes é devido e assim reverberar com força, ser eco no mundo escrito, pois que sempre foram força em escrita ancestral, passada entre as gerações. Somente não publicadas.

Palavras Pretas é movimento porque a palavra é essa coisa viva em constante mudança e sendo de escritoras negras a palavra nos potencializa luta e resistência.

Muito importante ressaltar que Palavras Pretas passou por um período de dificuldades com gráficas e sem o apoio fundamental de Mari Vieira e Joice Aziza, o projeto não teria sido concluído. Agradeço às escritoras e à editora Feminas, comandada pela querida Sandra Regina.

Além desses projetos coletivos, você tem 2 livros solo: *Ânima e Confessional*. Fale um pouco sobre eles.

Nunca tive pressa para publicar um livro solo, essa é verdade.

Gosto dos bastidores e nunca me achei pronta o suficiente para fazê-lo.

A ideia de publicar um livro só meu me assustava muitas vezes, pois isso me levaria a uma exposição que eu não queria. Na verdade, tudo ainda me assusta.

Entretanto, palavra é coisa calada que quando nasce na gente quer correr o mundo. Uma luta inelutável.

Confessional me chegou como lindo convite pelas ondas suaves e carinhosas da saudosa Tânia Diniz, que em parceria com Leonardo Costaneto reunia escritoras e escritores nacionais para um projeto lindo Coleção 32, com livros em confecção artesanal, produzidos na Argentina.

Eu publicava, então, "Confessional", pela Caravana Editorial.

Um ano depois, publicava "Ânima", um poemário de versos curtos. Diferente de todos os meus escritos naquele momento.



Como você se sente ao saber que conseguiu unir mais de 100 mulheres através da literatura e que algumas lançaram livros solo após participarem das antologias que você organizou?

Nossa, nunca tinha parado para pensar nisso!

Tantos sentimentos experimento agora!

Causa espanto, sem dúvida, ao mesmo tempo alegria e gratidão.

Sinto ânimo e um grande encorajamento para seguir a caminhada.

Além de antologista, escritora, poeta e revisora de textos, você também prefaciou alguns livros de amigas escritoras. O que a literatura significa para você?

É mesmo... há textos de Prefácio, orelha, 4a capa. [um sorriso escanteado e olhar pensativo]

A literatura é um respiro, novo fôlego, força, resistência. E tudo isso se confunde com o meu viver.



Você é coautora no livro "Mulheres pela Paz", lançado na Alemanha. E também das coletâneas Mulherio das Letras Portugal. Em algum momento da sua vida você imaginou que sua voz pudesse conquistar o mundo através da literatura?

Outra surpresa essa lembrança.

Tenho participações em obras de alguns países... [silêncio]

Lembra que falei do nascimento das coragens? Este é belo exemplo: ousar acreditar, nascer e ser palavra em terras estrangeiras de mim.



Quais escritoras te inspiram e qual o poema mais especial da sua vida?

Tantas mulheres me reviram. Difícil citar nomes. Deixo aqui as feminageadas de Elas e As Letras: mulheres que fortalecem os nossos passos e que penso serem leituras obrigatórias: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães.

Qual mensagem gostaria de deixar para as amigas que escrevem, porém, ainda não tiveram coragem de divulgar seus textos ao mundo?

Respeitem e aceitem vossos tempos. Cada uma de nós caminha num ritmo próprio, mas entendam que precisamos deste combustível nos validando existências. Por isso, escrevam! Publiquem!

Agradecimentos:

Agradeço à escritora Aldirene Máximo ao convite a essa entrevista.

À Revista Voo Livre, da querida Marina Marino.

Às parcerias tantas pelo caminho. Especialmente a Alexandra Magalhães Zeiner, Andréia Ribeiro, Mari Vieira, Joice Aziza, Aldirene Máximo, Rita Queiroz, à querida amiga Rogener Almeida, Nilla Celestino, Eliane Potiguara, Luciana Queiroz (grande incentivadora para que eu publicasse meus livros solo), Alexandra Patrocínio e nossa querida editora Adriana Mayrinck.

www.facebook.com/jullie.veiga

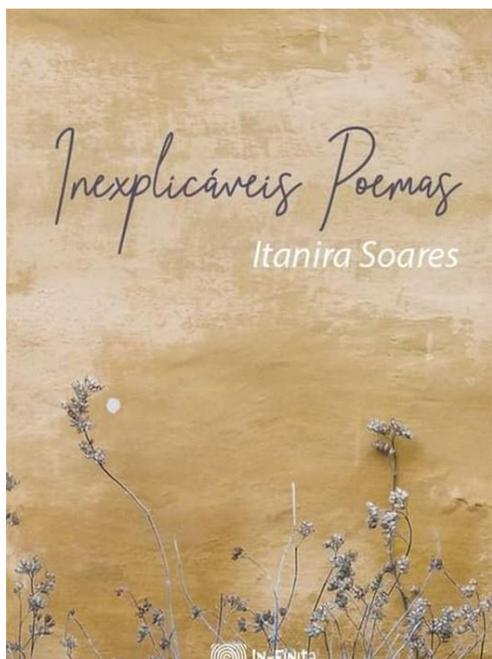
Lançamento

A poeta cearense Itanira Soares, a Ita Pedra, lança seu novo livro no Brasil e em Portugal: **INEXPLICÁVEIS POEMAS**, pela editora In-Finita.

“Este livro é uma provocação à curiosidade que deliciosamente instiga a nossa alma e faz borbulhar todas as inquietações da paixão, em busca da interpretação do que há dentro da poetisa, que, com tanta força de viver, querer, sentir e desejar o amar de volta, não desiste de ser abundante.

Ela se entrega à poesia e convida a todos que ousem lhe conhecer, descobrir onde se esconde esse segredo de resiliência, sem perder as emoções do passado e a intensidade das perspectivas do futuro.

Como é surpreendente Itanira Soares! Essa poeta sensível, rebuscada de sabedoria. Reveste-se de poesia e nos convida a desvendar seu mais instigante Livro **Inexplicáveis Poemas**. Eu aceito o desafio. E você?” (Patrícia Cacao no prefácio.)



Poemas inexplicáveis

Jamais vou explicar os meus poemas
Faz de teus ouvidos a minha alma
Das minhas aflições a tua calma
Das tuas interpretações os meus
fonemas.

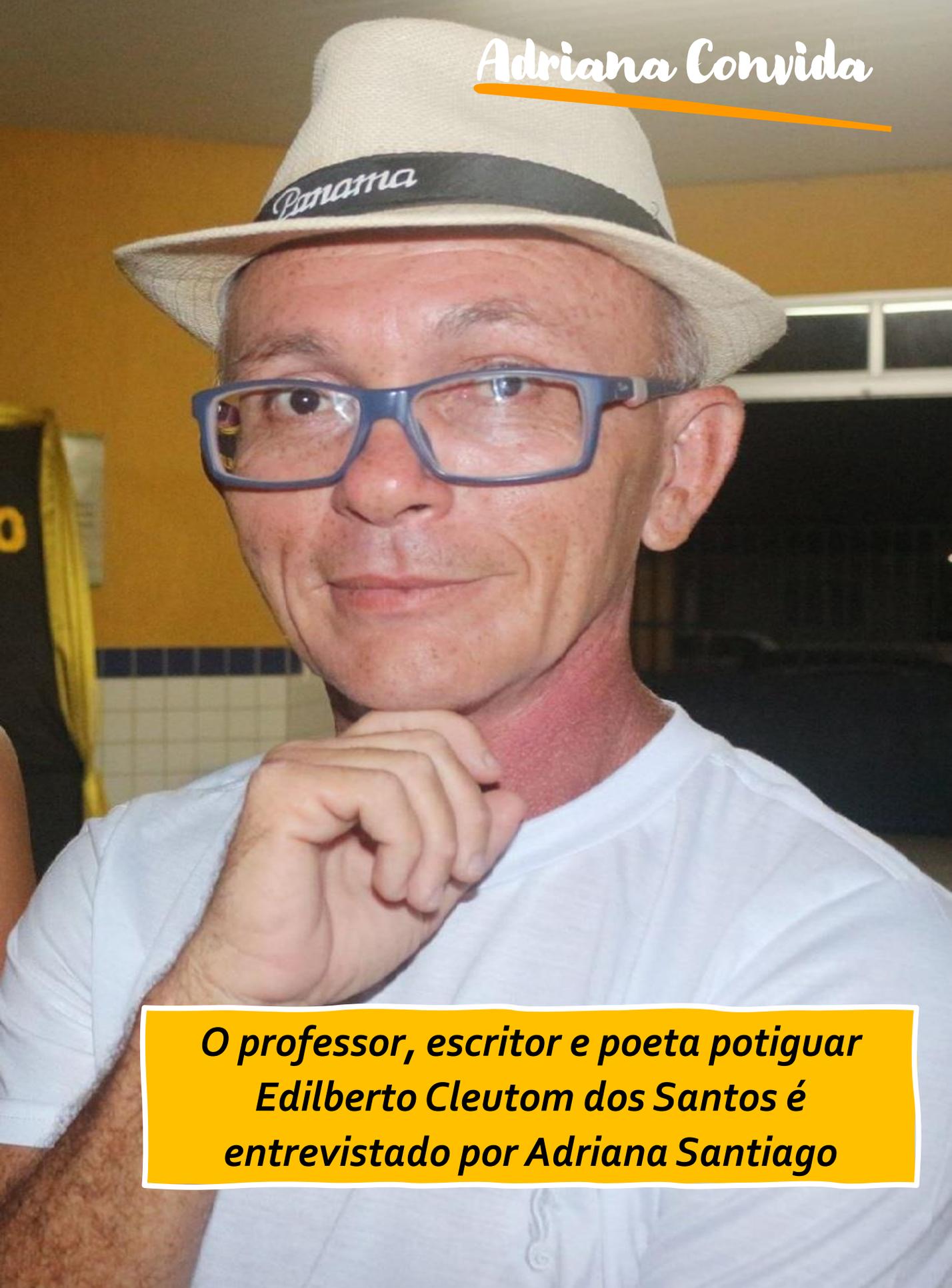
Os inacabados terminem,
Os incompreensíveis confundam
Os misteriosos desvendam
Os imaginários exterminem.

Nascidos do esperma da dor
Gerados do prazer da alegria
Das rimas cantadas para a poesia
Da emoção da descoberta do amor.

Poemas gesticulados que falam tudo
Que se fazem ouvir com os olhos
Meus poemas são feitos abrolhos
Poemas ao cego, ao surdo, ao mudo.

Para adquirir
www.livrariavoolivre.com.br

Adriana Convida



***O professor, escritor e poeta potiguar
Edilberto Cleutom dos Santos é
entrevistado por Adriana Santiago***

Adriana Santiago é jornalista, escritora, poeta.

É também a colunista da Voo Livre Revista Literária, responsável por convidar e nos apresentar expoentes da Literatura Brasileira Atual,

Nesta edição, Adriana convida o poeta Edilberto Cleutom dos Santos.

Desfrutem...



Santos, nascido em 29 de abril de 1969, em Natal no Rio Grande do Norte, mas que atualmente mora em Parnamirim, cidade da região Metropolitana de Natal, para nos dar esta entrevista.

Você se define como poeta, escritor ou ambas as coisas? Paralelamente ao trabalho da escrita, exerce outra profissão? Qual?

Eu me considero escritor, apesar de que me iniciei na arte literária com a poesia, além de escrevê-la abundantemente. Como socializo geralmente muitos poemas em rede social, costumam atribuírem a mim a alcunha de poeta. Mas transito da poesia à prosa com certa desenvoltura, de modo que tenho produzido muitas crônicas, contos e algumas novelas adultas e infantis. Todavia, não é a escrita que me define profissionalmente. Desde a década de 80 do século passado que atuo como professor de língua portuguesa. Atualmente estou à frente da Escola Municipal Professora Jacira Medeiros, em Parnamirim, como gestor eleito.

E qual é a sua formação?

Toda minha formação está ligada as letras. Formado em Letras/Licenciatura pela UFRN (em 1990) onde também defendi o mestrado com Estudos da Linguagem (em 2009). Entre ambos ainda cursei mestrado em Comunicação e Semiótica na PUC-SP, na década de noventa. Embora não tenha defendido a dissertação, este período foi muito importante para minha formação e amadurecimento na escrita e na arte.

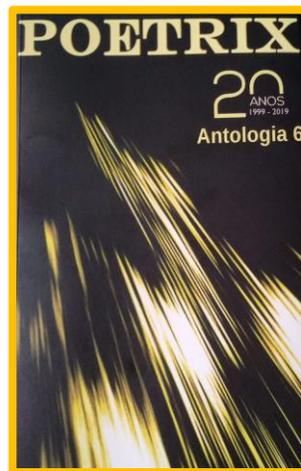
Qual gênero literário gosta de escrever e por quê?

Como disse anteriormente, escrevo muita poesia. É quase que minha escrita diária. Mas tenho projetos em prosa, alguns consumados outros em desenvolvimento. São contos, crônicas, novelas, narrativas infanto-juvenis, etc.

Participa de algum coletivo cultural? Qual?

A rigor não integro nenhum coletivo. Tenho me aproximado do Movimento Internacional Poetrix, liderado pelo poeta Goulart Gomes

Desta aproximação, acabei por participar da publicação da Antologia Poetrix 20 Anos. Antes disso, já publicara em outra antologia chamada Fagulhas Poéticas, também de Poetrix.



O que é o Substantivo Plural?

Eu vejo o Substantivo Plural como uma praça virtual, onde trocamos ideias, divulgamos pensamentos e emoções criativas. É em verdade uma revista eletrônica muito delicada e com personalidade de fato plural.



Você tem livros publicados? Se sim, quantos e quais? Se não, pretende publicar?

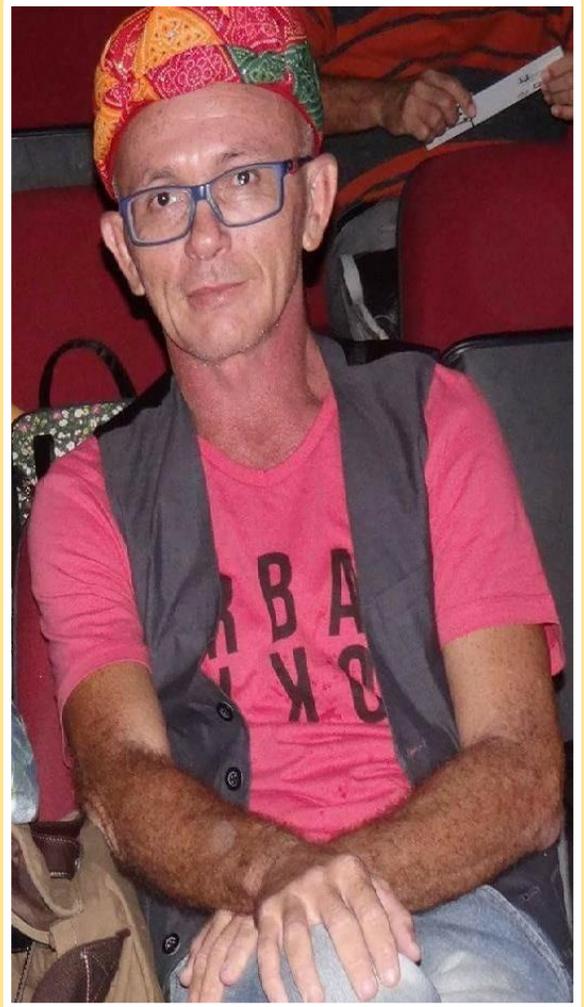
Não publiquei ainda nenhum dos meus livros. Até o momento tenho integrado antologias. Além das citadas anteriormente, participei da publicação da antologia *Contos e Crônicas* em comemoração dos 50 anos da UBE-RN.

Você assina com o pseudônimo Edil C.?

Às vezes sim, às vezes não. Tenho assinado assim poemas e crônicas que publico em redes sociais.

Conte um pouco da sua trajetória até aqui, como poeta/escritor.

A poesia nasceu em mim ainda adolescente. Escrevi e escrevo muito, praticamente todos os dias. Mas daí a assumir-me escritor foram os anos de estudo e formação que me deram a convicção de que tinha este ofício. Fiz poemas escolares, poemas universitários, sempre ligado a quem estava ligado às letras. Desenhei, meio consciente, meio inconscientemente, minha vida acadêmica e profissional buscando me aprimorar na



arte de ver e escrever sobre o mundo. Saído da universidade, fui em busca de saberes mais profundos. Estudei semiótica na PUC e lá, como sempre, busquei me vincular a grupos ocupados com arte e literatura. A trajetória de escritor é nesse sentido uma trajetória de vida. Sempre estudar, sempre ler e sempre escrever. Foi assim ao longo dos anos e assim continua.

Os temas que você aborda em seus poemas são forte crítica social e política, correto? Podemos chamar seu poema de engajado, ou não gosta de rótulos? Escreve também poemas mais intimistas?

Não me incomodam os rótulos. Eles são formas de tentar se apropriar e entender os fatos e as pessoas. Todavia, o risco de rotular reside na pressa com que se tenta definir alguém, muitas vezes sem conhecer as nuances, variações e versatilidades que têm toda natureza. Minha escrita visa expressar a profundidade da natureza humana, seus encantos e suas dores. Geralmente, quando me aproximo das dores é que acabo me entrelaçando com a política. Porque ali reside a solução e a causa dos sofrimentos sociais. Em verdade, prefiro me definir como na minicrônica ao lado.

SOU UM ANIMAL POÉTICO... PARA QUEM A POLÍTICA?

Sou um animal poético, para quem a política é só uma aresta nem de longe a face principal. Se ela se destaca e leva-me muitas vezes a me ver envolvido em contendas medíocres do mundo político é porque minha palavra poética carregada de sentidos muitas vezes torna-se antagônica no universo do cotidiano, ferindo e espicaçando seres de ação escusa, delinquentes da boa convivência social que veem na teia das relações humanas o terreno fértil a suas manipulações. Com seu olhar rasteiro, como rapinas do capim, são incapazes de atingir o ápice do fulgor poético onde a palavra lambe a pérola da ostra e revela num lusco-fusco os húmus do humano.

Sou um animal poético, para quem a política é só uma sombra demasiado humana. Se ela se eleva em meus dias é que tal qual um mata-borrão suga o leite negro do lápis com que grafo cada palavra, roubando à poesia sua luminescência transcendente e libertária. Se é a política que reflete o significado do homem entre os homens, a poesia liberta o homem de si mesmo e transporta-o ao universo constelar onde o acto vira facto e a sombra da dúvida se ilumina.

Sou um animal poético, para quem a política é tão somente o solo onde se esconde a poesia. Se aquela se imprime aos homens, é porque pisoteia a todos com o galope insano de cavalos magros, montados por homens cegados pela sede de poder e pela ganância de explorar. Mas do seu galope se ergue a núbria poeira da poesia, tingindo de ouro o céu dos humanos, fazendo-se visível a quem ainda não foi cegado pela sanha dos dominadores.

Se faço política, eu não a desejo. Faço por um motivo vivo de com minha palavra desgastar as vendas que tapam a visão para um sentido maior da existência humana. Se desejo a poesia, faço-a politicamente, para tingir de ouro a teia gigante das relações humanas. Sou um animal poético e pertencço a família dos aracnídeos, lento, sutil, portador de fiandeiras que enlaçam com palavras a emoção dos humanos. Vejo na poesia o veneno antídoto ao fungo corrosivo que nasce no seio do mundo político.

Acredita na literatura como meio de transformação social?

Acredito que a arte em geral, não apenas a literatura, é responsável por formar e transformar o humano. Não concebo um mundo sem a arte e vejo que ela é que nos dá grandeza, nos eleva e nos fortalece. Se se torna elevado, se se engrandece e se se fortalece o humano, transforma-se a vida social.

Você se diria otimista, pessimista ou realista diante o atual cenário político/econômico brasileiro e mundial?

O que vivemos politicamente hoje é uma gota d'água no oceano do tempo. A história não é linear, mas feita de círculos em espiral. Tantas outras tormentas vivemos muitas ainda virão. A que estamos vivendo agora dependerá da união de forças para resistir à treva que se apresenta. Se pensar assim é ser otimista, sou.

Em que você acredita que a pandemia contribuiu para a sociedade e para a produção literária?

Ainda é bastante cedo para entendermos até o que significa este tempo de pandemia. Não temos elementos cristalizados para avaliar supostas contribuições. O momento presente é de viver o espanto, amanhã talvez tenhamos uma ideia do que nasceu e do que morreu no nosso modo de viver. Quanto a literatura, como toda arte, ela se alimenta da crise e busca dar sentido a esta: os artistas estão lendo a crise, a solidão, o medo, a morte, ao mesmo tempo em que busca criar uma linguagem que a represente.

Como você vê os poetas do Nordeste no cenário nacional? Tem havido maior divulgação, você sente que os poetas nordestinos estão ocupando mais os espaços da poesia e da arte em âmbito nacional?

A literatura do Nordeste se despreendeu da prisão das grandes editoras, que em geral concentra seus investimentos nos autores do eixo sul/sudeste. Atualmente, há um movimento diferente. Com a internet, surgiram muitas pequenas editoras que se servem da rede de computado-

res para se estabelecer e divulgar os mais diversos autores, tendo acesso a feiras e eventos literários. Inclusive, neste trilho vem crescendo pela internet um movimento de autopublicação bem significativo. É provável que continuemos em maioria sem projeção nacional, mas sem grandes ambições pode-se inclusive vir a formar pequenos quinhões de leitores

Quais seus próximos projetos?

Brevemente publicarei um ensaio acadêmico premiado em edital lançado pelo Governo do Estado do RN com recursos da Lei Aldir Blanc intitulado “Uma história de vida e uma vida história – Memória e Oralidade no Romancero de Dona Militana”.



Este livro é uma síntese de minha dissertação de mestrado sobre uma voz da cultura popular do Rio Grande do Norte, falecida em 2010.

Já velha, conhecida como parteira e benzedeira, foi descoberta por Défilo Gurgel como arquivo vivo de centenas de romances de cordel. Alguns deles sequer existindo em registro escrito no Brasil. A maioria ibérico e medieval.



Ela cantava em casa para filhos e netos. Sabia de cor centenas de romances mesmo sem saber ler. Depois de descoberta, a Fundação José Augusto gravou o CD Catares e, já com mais de 70 anos, ela passou a fazer shows em eventos de cultura popular.

No livro, busco entender o significado social da personagem e de sua arte. Além disso, projeto apenas continuar escrevendo.

INDA FIAM AS FIANDEIRAS?

(Edilberto Cleutom Santos)

Vivemos tempos de redes,
Em que todos se entretecem
Mas não há fio a coser.

As fiandeiras se foram,
E fazem-se comunidades
Sem uma vida em comum.

Nesse mundo há uma aranha
Sem pedipalpos ou patas,
Sem quelíceras ou teias

Mas que nos prende e envenena
Numa vida sem ameias,
Quando tudo está ligado

Mas ninguém está unido.
Perdido o fio do sentido,
Só resta o sentido frio

De relações sem os corpos,
De elos sem ilações,
Frias paixões sem anelos.

Facebook: Edilberto Cleutom Santos

Instagram: @edilbertocleutom

Eliaquim Batista é formado em Letras (Língua Portuguesa) pela Faculdade Sumaré, trabalha no mercado literário desde 2017. Como escritor, publicou o seu primeiro livro “Eu Sou Yanka” em 2019. É membro da União Brasileira de Escritores, mantém sua página na internet, o Blog Vida de Escritor desde 2018.

A partir deste mês, integra a equipe de colunistas da **Voo Livre Revista Literária**.



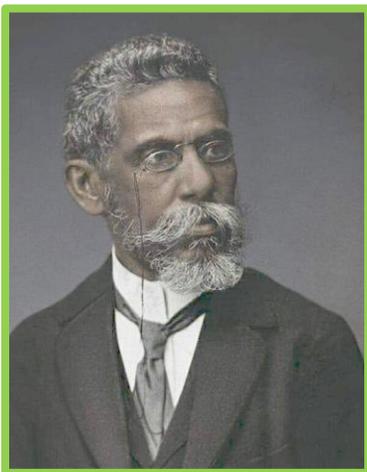
Personagens que marcaram da Literatura Brasileira

Todos nós temos aqueles amigos que marcam momentos da nossa vida e que ficam na nossa memória. Pode ser um primo, um amigo da escola, ou do trabalho. Mas sempre há pessoas que ganham espaço em nosso coração.

Na literatura isso também acontece. Que leitor nunca se apaixonou por um personagem? Ou torceu para aquele protagonista até o último capítulo? Qual leitor não tem o nome do personagem de seu livro favorito na ponta da língua?

Nas folhas de nossos livros, muitos dos autores brasileiros criaram personalidades que existem apenas nas páginas, mas que recebem até hoje o carinho de cada leitor.

Abaixo vemos alguns desses personagens que deixaram sua marca nos livros nacionais:



Bentinho, de Machado de Assis Dom Casmurro (1899)

Bento Santiago, chamado de Bentinho, apelido de família, narra sua trajetória de vida, desde os estudos no seminário, pois ele deveria seguir a carreira religiosa devido uma promessa de sua mãe, seu grande sonho em se casar com Capitu, amiga de infância, e termina em sua vida adulta, já maduro e sozinho na praia da Glória, Rio de Janeiro.

O enredo ganhou a mídia da época por trazer o tema traição na história. Já que o autor deixa em dúvida se Capitu traiu ou não Bentinho com o seu amigo de seminário Escobar. O que mais deixa dúvidas no protagonista é a semelhança do filho do casal com o seu antigo colega de estudos.

O que vale destacar é que o autor não dá uma prova clara do adultério. Assim, Machado deixa que o leitor tire sua própria conclusão se Bentinho foi traído ou não.



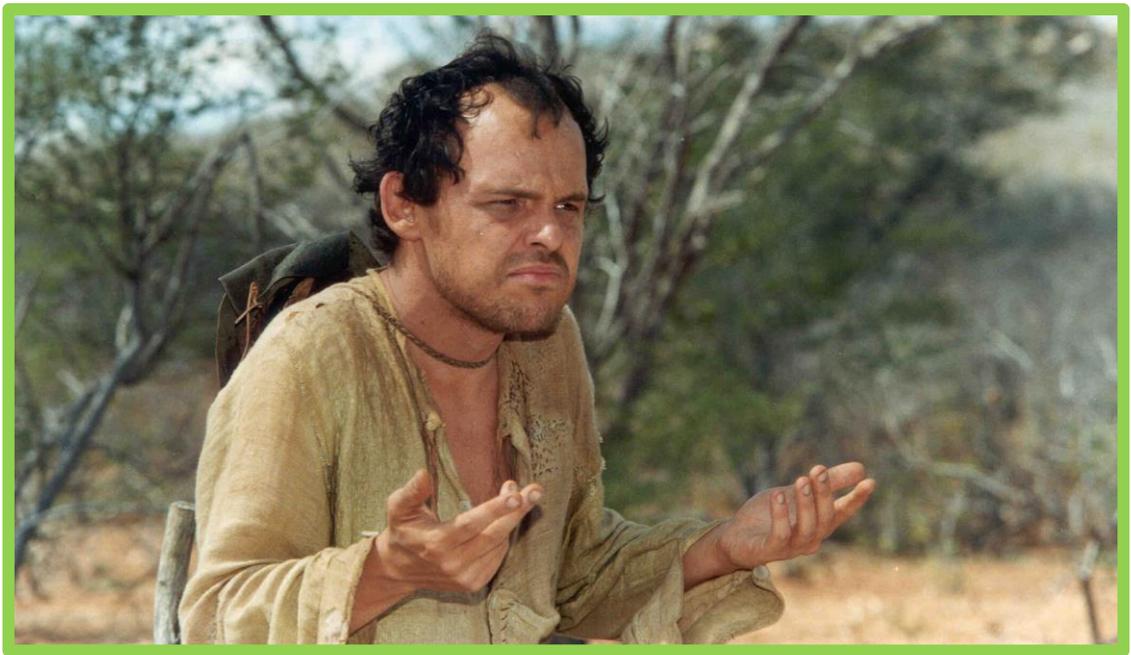
Isaura, de Bernardo Guimarães A Escrava Isaura (1872)

Isaura é filha de Juliana, uma escrava que é considerada uma das mulheres mais lindas da fazenda em que vive. E de Miguel, um homem humilde que trabalha nas mesmas terras.

Com isso, Isaura nasce com a pele branca, mas escrava. A mãe da menina vem a falecer durante o parto e Isaura é adotada pelos donos da fazenda e é criada como filha caçula do Comendador Almeida e sua esposa.

No início da vida adulta, sofre quando Leôncio, herdeiro da fazenda e "dono" de Isaura, se apaixona pela bela escrava.

A obra de Bernardo Guimarães ganhou duas adaptações para televisão: Em 1976, com Lucélia Santos, no papel de Isaura. E em 2004 foi a vez de Bianca Rinaldi interpretar a bela e sofrida escrava.



João Grilo, de Ariano Suassuna – Auto da Compadecida (1955)

Diferente do que muitos pensam, João Grilo não foi criado por Ariano Suassuna.

Segundo a produtora cultural Lucélia Borges, a figura caricata do nordestino apareceu pela primeira vez na literatura de cordel em “As proezas de João Grilo”, de João Martins de Athayde.

Mas quem apresentou ao grande público ao amigo de Chicó, foi Ariano em seu clássico "Auto da Compadecida", obra que mistura a realidade do nosso Nordeste, humor e a religiosidade brasileira.

João é um sertanejo do interior da Paraíba que usa de sua inteligência e bom humor para não passar fome e vencer a seca.

Originalmente, criado como peça teatral, o livro ganhou sua versão em série e que posteriormente virou filme em 2000 com grande sucesso até hoje. Mas vale ressaltar que a narrativa foi um tanto quanto romantizada ao ser adaptada.

Matheus Nachtergaele, deu vida a João Grilo no cinema e Selton Mello, recebeu a missão de interpretar Chicó.

Gabriela, de Jorge Amado – Gabriela, Cravo e Canela (1958)



Em seus livros, Jorge Amado sempre apresentava a cultura e a história do povo baiano. O autor sempre deu destaque para a beleza e o charme da mulher.

Fez isso especialmente em “Gabriela, Cravo e Canela”. Ela, “menina-moça” da pele morena que chega a Ilhéus da década de 1920, com a intenção de ter uma vida melhor, já que a cidade está em acessão devido o plantio de cacau.

O árabe Nacib, é proprietário de um bar e contrata Gabriela como cozinheira. A jovem mistura ingenuidade com uma sensualidade natural e rapidamente encanta o comerciante e todos que cruzam seu caminho.

Com a linguagem coloquial, o livro ganhou os brasileiros e é o livro de Jorge Amado mais conhecido no exterior. Com o grande sucesso, Gabriela virou filme em 1983 e teve adaptações do livro para novela.

Estrelaram o papel da musa de Jorge Amado atrizes como Janete Vullu (1961), Sônia Braga (1975) e Juliana Paes (2012).

E do nosso tempo atual? De quais escritores serão os personagens lembrados pelas próximas gerações? Maria Valéria Rezende? Conceição Evaristo? Itamar Vieira Junior? Maurício Gomide? Thalita Rebouças?

O importante é que a literatura nacional não morra e novos autores e personagens ganhem nossos corações e sejam levados pelas “ondas do tempo histórico”.

Espaço da Poesia

A montanha

Viver é um labirinto sem fim
Além do horizonte à deriva
A luz da lua das incertezas
Num toque mágico das
estrelas

Transparentes no meu olhar
Fragmentos de ranhuras n'
alma

Percorro um atalho no
tempo

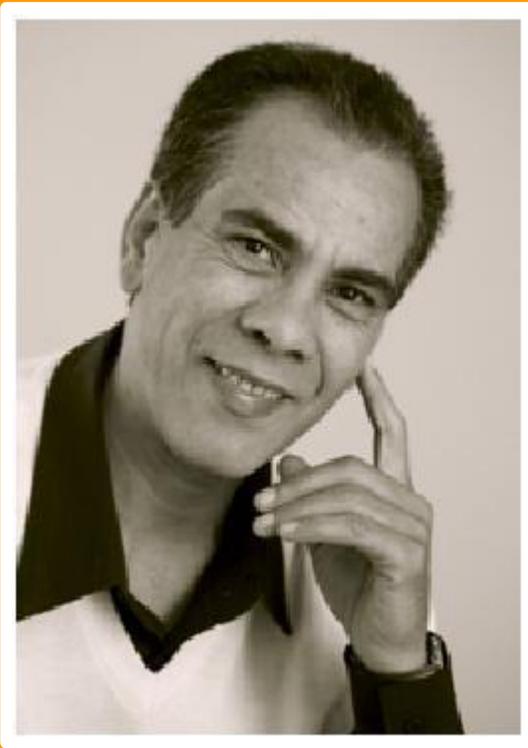
Dói-me o peito em silêncios

De longas esperas vazias
Em mim no aconchego do ser
A cada retalho de poesias

Me agasalho de riso e
felicidade

De orvalho cobrindo o meu
corpo

No despertar que me
fortalece



José Rothadi, é o pseudônimo de José da Silva Santos, escritor, poeta e professor, natural da capital de São Paulo, Brasil.

Rothadi é graduado em pedagogia com licenciatura plena, (UNIFESP - EFLCH).

É autor de seis livros solos, e mais vinte e uma participações em antologias coletivas de poesias.

Participou dos eventos da 22^a, 23^a, 24^a e 25^a Bienal Internacional do Livro de São Paulo, respectivamente nos anos de: 2012, 2014, 2016 e 2018, quando lançou seus livros.

Nesta edição temos o prazer de ler alguns de seus poemas.

O fluxo

A morte é transcendência ...
Somos todos um fluxo de
luzes
De energias serenas em
plenitude
Do útero ao último suspiro
fugaz

Na solidão reconheço-me ...
Liberto-me dentro de mim
Em fragmentos de lições
De humanidade e
solidariedade

Nunca desista de si mesmo ...
Projete-se no amor ao
próximo
Construindo um caminho de
paz

Existir implica-se em
escolhas ...
Como a fraternidade
universal
Na empatia involuntária do
ser!

A nova era

Somos todos feitos de
memórias ...
Sussurros e suspiros D' alma
Das poesias que nos vestem
Ocultas entre sonhos
inacabados

Que se fazem sentir nos
pulsares ...
Que arrepiam e sintetizam o
ser
Que o sorriso ilumine-se em si
Que expanda-se em empatias

Nesses atalhos à solta
gratidão ...
Antes ouço a voz das estrelas
No apogeu da madrugada em
mim

Iluminação altruísta
indomável ...
Solidariedade em
constelações
Sublimadas na fraternidade !

Saiu na Antologia



**Texto romântico de
Alexandra Jacob**

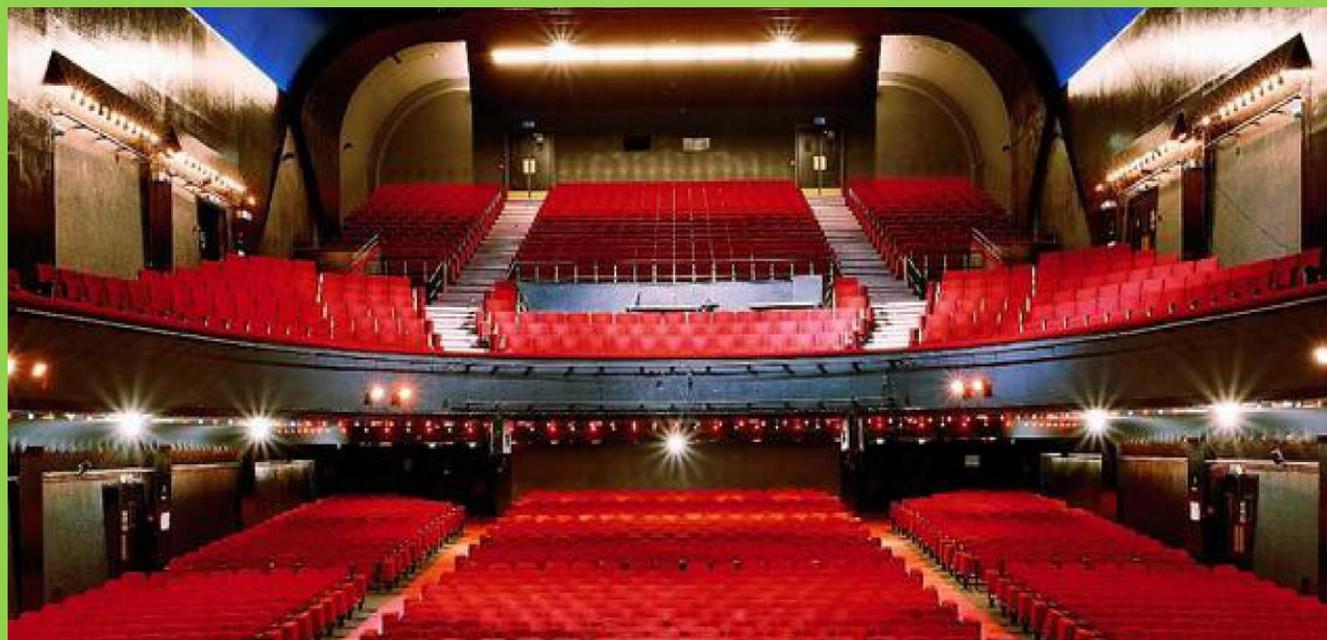
Um bocejo, já é noite. Caminho, vagorosamente. Pedregulhos misturam-se a mim; longe há o som de um sino, capto as badaladas antes de acontecer, seus sons estão em mim. Olho o céu, meus pensamentos enganam-me. Perco por segundos a ingenuidade que me habita. Continuo o caminho... Pupilas aumentam ao sentir o avião aterrizando, foi como estar num deserto. Sensação de não saber o que encontrar... uma nova jornada começa.

Tempo Insólito

Sexta-feira, 23 de setembro, Chloé chega à Paris. Serão 30 dias de imersão na cultura francesa. Deixou as malas no hotel e saiu, a cidade luz ofuscava-lhe a alma, o corpo arrepiava. Olhou para o relógio, correu para o hotel com receio de atrasar, chegou cedo ao teatro. Na cadeira ao lado, um rapaz sorri e pergunta: “Por favor, este assento é seu?”

Desesperada olha os números sem jeito, desculpa-se. Os dois acabam rindo; ele, gentilmente, não a faz sair. Uma conversa envergonhada começa, o celular registrava tudo o que o olhar não conseguia parar de admirar. Extasiada, olhava cada detalhe e pensava quanta história ali não acontecera, quantas histórias de amor a margem direita não presenciou.





O Olympia foi a mais antiga casa de espetáculos de Paris. Édith Piaf esteve naquele palco. O rapaz percebe que seu olhar não consegue se fixar, tamanha a euforia, e se oferece para tirar fotos; ela rapidamente aceita. Algumas fotos depois, trocaram as mesmas pelo dispositivo do celular.

Tocam os sinais, a ópera começa. Cada palavra, gestos, foram absorvidos; as lágrimas nasciam sem que notasse. Ao final, olhou para o educado rapaz e sorriu. Chegando ao saguão do teatro, conversaram alguns minutos e notaram que fariam o mesmo passeio no dia seguinte. Então, combinaram de fazê-lo juntos.

Alex estava na cidade para resolver pendências de negócios imobiliários. Despedem-se, ela chega ao hotel, ainda extasiada e sem notar, adormece. O relógio toca, ela pula da cama, arruma tudo, pega os óculos de sol, o chapéu e sai. O encontro será para percorrer o Quartier Latin e conhecer a Rua Mouffetard. Ele já tinha um roteiro pronto.

- Bonjour, ma Belle!

- Bonjour, mon ami!

- O que me diz de começarmos pela parte baixa da Mouffetard?

Com os olhos arregalados, Chloé responde:

- Ok!

Muito se viu, riu, aprendeu. Tudo era interessante, com histórias seculares.

- Aqui só não tem feira às segundas-feiras – observa Alex – Venha, vamos à Fromagerie Foucher conhecer seus deliciosos queijos! Depois almoçamos no Mavrommatis, restaurante grego.

Ela quase não prestava atenção no que ele dizia, pois seus olhos corriam por tudo. Era muito a absorver.

- Quero te levar à Pâtisserie Carl Marletti para um café da tarde – diz Alex.

Foram metros e metros de restaurantes, creperias, sorveterias, feira de rua. Conversaram, ficaram em absoluto silêncio no café, tiraram fotos e o dia termina com Alex levando Chloé ao hotel e diz:

- Para irmos a mais lugares precisamos dormir e o corpo relaxar. “Per Aspera Ad Astra”.

Ela, com um sorriso sem graça, pergunta o que significa. E Alex diz:

- “Per Aspera Ad Astra” significa “por ásperos caminhos até os astros” - e conta que esta frase está na roupa dos astronautas da NASA.

Ela sorri e diz:





- Durma bem! Bons sonhos!

Despede-se dando beijinhos estalados na bochecha direita e esquerda.

No quarto, após o banho, olha as fotos. Fica encantada com as da sorveteria Amorino – o sorvete vem em forma de flor. Naquele instante sente-se viva, sensação que há tempos não sentia.

Acorda assustada com trovões de uma manhã chuvosa. Levanta, vai até a janela; perdida em pensamentos olha a chuva e o andar apressado de guarda-chuvas coloridos pela rua.

Aciona a playlist, sai cantando, entra no banho. Ao sair, nota que tem mensagem. Lê, sorri e responde: “ACEITO”.

Alex a chamou para tomar café em algum lugar pitoresco. Correndo veste-se; capa e guarda-chuva nas mãos, sai.

- Gostei do perfume – diz Alex.

Ela, tímida, agradece e pergunta:

- Dormiu bem, sonhou?! – a resposta é interrompida pelo garçom.

Escolhas feitas, voltam a conversar. O tempo passou, eles nem notaram. A chuva parou, Chloé propõe um passeio.

Alex, devido a um compromisso, não pode aceitar, mas convidou-a para jantar no coração de Paris.

No horário marcado, ela percebe que não sabe o local. Envia mensagem e Alex responde que a espera no Place de l'Opéra. Chloé fica parada por alguns segundos, lembra que este lugar está aberto desde 1862.

Chegando, sua sensação foi de estar em outra época. Arquitetura, os afrescos, lustres gigantes, até suspirou. Logo à frente, a acenar, estava Alex com taças de champanhe nas mãos, esperando-a. Assim que chegou à mesa, uma taça recebeu. Um brinde ergueram. Brinde que ficou no olhar e no gestual, e a alma de cada um agradeceu o instante e todo o caminho percorrido. Segundos após, falavam sobre a exposição de Klimt.

Jantar servido, a conversa segue. Era tanto a falar que muitos assuntos eram começados e ficavam por terminar. Chloé observava a beleza e as cores intensas do lugar. Um toque a fez voltar, notou os olhos de Alex a percorrer suas mãos. A champanhe a fez ficar mais radiante;



ele não resiste, beijou-a sem avisar. Certos de suas escolhas estavam. As gargalhadas ecoavam pelas ruas onde passavam. Chegaram ao hotel, subiram. Dias sem parar e champanhe fizeram Chloé apagar.

Dormiram até tarde; quando acordou, viu uma mesa repleta de delícias, e espreguiçou. Ouviu barulho no chuveiro, rolou na cama, pegou a taça com morangos e chocolate e ali ficou. Alex, ao sair do banho, a desejava. Sua pele macia, seu olhar sedutor; a manhã foi tórrida, entre adormecer, acordar, amar.

Tarde de sol ameno, saem para passear. No peito, sons, como se ouvissem Callas nas alturas. A vida, em movimento de malabares reluzentes, acontece.

Diz a lenda que todos se apaixonam em Paris! Foram telefonemas, mensagens, a paixão estava em tudo. Olhos sedentos, coração em descompasso, boca seca. Ela plantou vasos de arruda, guiné e alecrim, pois a alma queria proteção e energia positiva. A felicidade que exalava era demais aos olhos mortos de sentimentos alheios.

A vida implorava que o incomum acontecesse.

Foram gritos silenciosos em gozos plenos.

Chloé e Alex estavam apavorados. Afinal a vida lhes tinha mostrado um lado hostil, mas, sem perceber, os dois se entregaram. Os temores deram lugar a um delicioso concerto de sons que não conheciam, mas estavam dispostos a ouvir.

Final da tarde, chegam à Torre Eiffel. Vê-la iluminando-se aos poucos, o pôr do sol, o céu observava cada sorriso intenso, pois os largos sorrisos podiam ser sentidos à distância.

Jantaram no restaurante da Torre, tempo raro de felicidade. Passeios simples pelas ruas parisienses eram festas com acordeom, gaita e artistas de rua. O mundo dele, lógico; o dela, espiritualista. Diferentes que se conheciam, se admiravam, se respeitavam.

No saguão do hotel, ele pede para Chloé entrar de olhos fechados no quarto. O chef preparou uma mesa de combinações perfeitas: macarons, éclairs, tortas, champanhe, música ambiente. Ali curtiram cada minuto um do outro. Era dia quando adormeceram.



Por uma fresta, a claridade a desperta aos poucos. Espreguiçando na cama, reflete. Há muito buscava essa paz, vinda com uma euforia de gratidão.

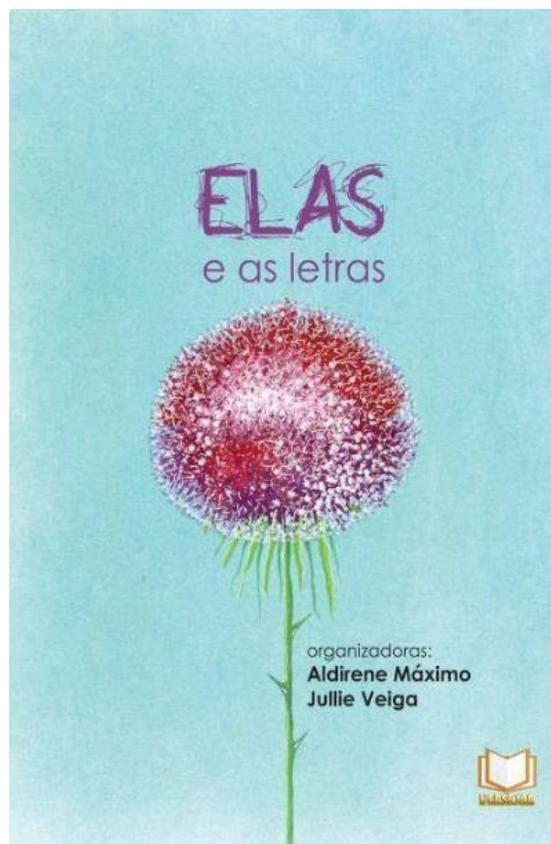
Sentiu beijos percorrerem seu corpo. A manhã nasceu num gozo, realejo na praça, castelos reais, os dias seguiram em conhecer e reconhecer.

Ela ficava a observar o seu sono tranquilo e o tempo raro era aproveitado com a maturidade de pessoas que não sabiam que aquele tempo quebraria todas as regras.

O outono voltou, o cheiro e o gosto de saudades longínquas e passadas já não existiam. Amadurecidos e encantados um com o outro, moram há três anos em um predinho da Rua Mouffetard, onde Chloé tem uma galeria de artes e uma livraria. Alex segue com seus negócios.

O silêncio das manhãs com o canto dos pássaros tenores faziam os lençóis quentes. Ele sabia no instante em que a conheceu que não iria mais acariciar travesseiros, acordar sozinho e almoçar salgadinhos. Ela emitia um pulsar para o coração dele e o convidava a usar todos os sentidos e intuições em um tempo onde somente os dois se valiam.

Tempo insólito. Traz acalanto aos que sempre buscam, dentro do saber do tempo, o momento que os faz pulsar, pois seja qual situação for, o amor sempre retorna de formas diferentes.



TEMPO INSÓLITO

Texto de Alexandra Jacob

Na Coletânea Elas e as Letras

Dicas da Adriana

Adriana Santiago é jornalista, escritora, poeta.

É também a colunista da Voo Livre Revista Literária, responsável por dar dicas de leituras para nós

Vamos ver o que ela nos reserva para esta edição...

Desfrutem...



O Homem Translúcido – No Tempo da Inteligência Artificial (Romance, Deo Saraiva, Ed. Da Autora, 2020).

Romance futurista que, segundo a autora, não precisa ser especialista em tecnologia para compreender o enredo, que nos é tão familiar: os avanços tecnológicos, Inteligência Artificial, pandemias.

O ano é 2034. Muito perto, por sinal. Uma trama envolvente que mistura temas atuais a tão antigos comportamentos humanos como o ciúme, o orgulho, a agressividade, o amor, a sensualidade...

Norah é a protagonista desse romance. Ela é engenheira de algoritmo e cria uma entidade em realidade aumentada moldada na Inteligência Artificial, reproduzindo o homem que sonha para colocar fim à sua solidão. A obra supera o criador e passa a ter vontades próprias e como homem de cultura islâmica tenta subjugar Norah.

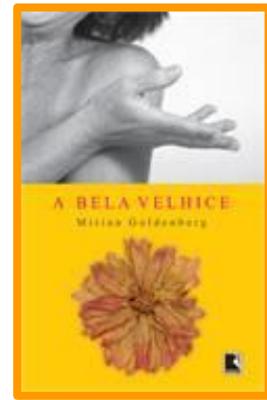
O pano de fundo da narrativa é a sociedade na era da Inteligência Artificial e cria um cenário de táxis sob a forma de drones autônomos, criptomonedas, relações virtuais e todos os temas contemporâneos.

Um livro que possibilita uma viagem no tempo. Só que o futuro está bem ali.



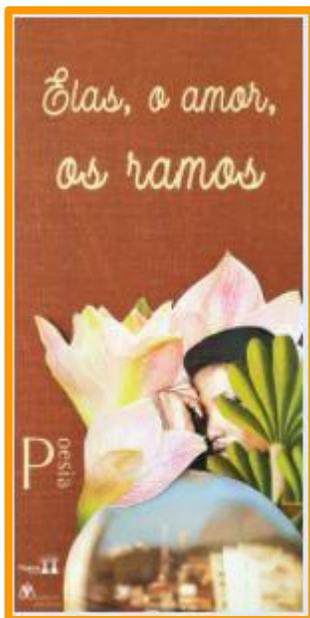
Por uma crítica feminista – leituras transversais de escritoras brasileiras (Eurídice Figueiredo, Porto Alegre, RS, 2020, Ed .Zouk, crítica literária).

Em tempos de desvalorização da vida humana, da pesquisa e da ciência, a renomada pesquisadora Eurídice Figueiredo dá provas de sua resistência e nos presenteia com maravilhoso estudo da escrita das mulheres, em tempos mais remotos até os dias atuais, autoras muito conhecidas, outras nem tanto, mas que formam um histórico da trajetória da escrita feminina e demonstra o quanto caminhamos no sentido de quebrar os tabus e falar de temas antes “proibidos” por escritoras como: menstruação, TPM, aborto, violência nas relações domésticas. Avançamos. Mas o caminho é longo e muito necessário se faz obras como esta que nos oriente a caminhada. Estudo imprescindível para nos dar condições de resistir em tempos sombrios, em sociedade de hipocrisias, preconceitos e desrespeito à vida humana.



A Bela Velhice (Mirian Goldenberg, Record, 2017)

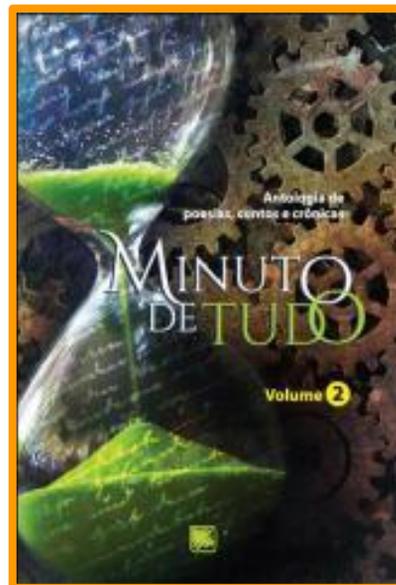
Não é uma publicação nova, um lançamento. Mas esta obra, da escritora e doutora em Antropologia, é um livro atemporal. De leitura leve e agradável, Mírian Goldenberg fala, especialmente para pessoas acima de 50 anos, de como não se tornar invisível. Sim! Invisível! Em uma sociedade que super valoriza o novo, o idoso, se não tomar cuidado se torna invisível e cabe a cada um de nós os cuidados consigo mesmo para não permitir que isso aconteça. Ela dá dicas nesse sentido e faz um verdadeiro estudo da situação dos homens e mulheres com mais de 50 anos no Brasil. Um retrato do velho e do que caminha para a velhice. Que seja bela e o mais leve possível (muito depende de nós) essa descida do topo da montanha.



**Elas, o Amor, os Ramos
(Coletânea (Poesia)
organizada por Leida Reis e
Heloísa Davino, Páginas
Editora, 2020)**

Trinta e quatro mulheres que se uniram e fizeram esse belo livro de poesias. Aliás, beleza é a marca dessa coletânea que com delicadeza exprime tudo o que uma mulher gosta de ver em um livro: flores, aconchego, ramos que unem, cores amenas, papel reciclado, poesia que afaga, lirismo, voz que grita e resiste, cheiro de terra e barulho de cidade. Tudo isso e muito mais em um conteúdo poético de mulheres diversas.

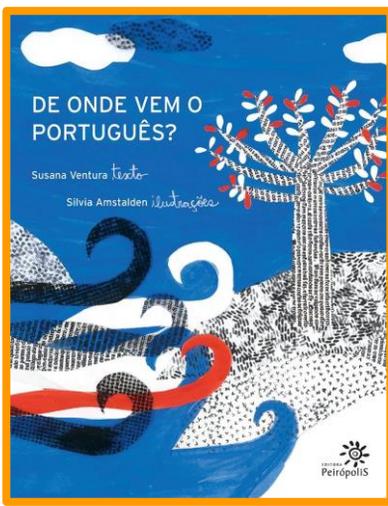
Vale a pena conferir.



**Minuto de tudo - Antologia de
poesias, contos e crônicas
(Editora Scortecci, 2020)**

Em dois volumes, escritores, poetas se uniram para falar de sonhos, encontros, saudades... que em frações de segundos, Minuto de Tudo, o tempo rege, momentos felizes, que ficam na memória, e são resgatados em momentos de angústia ou tristeza nos salvando e nos alimentando para um futuro que há de vir. Assim é a vida. Assim se faz história. Assim se publica poemas, contos e crônicas, se vive se sonha, faz romance, floreia.

Um belo livro para se ler neste final de penoso ano e se reenergizar para o que nasce.



De onde vem o Português? (Susana Ventura; Ilustrações: Silvia Amstalden; SP :Peirópolis, 2015)

Literatura infanto-juvenil que encanta, no entanto, crianças, jovens e adultos, especialmente os apaixonados pela Língua Portuguesa.

Na obra, Susana Ventura, autora de vários livros infantis e infanto-juvenis, juntamente com Silvia Amstalden e suas ilustrações modernas que envolvem e aguçam a curiosidade do leitor ou leitora, contam de forma doce, como em um som de flauta que nos leva a seguir o som e o cheiro do mar...há muito muito tempo... por um azul longínquo e profundo... para terras além mar! Tempos e histórias de reis, rainhas e príncipes! Quem não gosta?

Pois é nesse embalo de “Era uma vez...” que Susana e Silvia nos contam essa deliciosa história e, ao mesmo tempo nos ensina: “De onde vem o português?”

Aventure-se nessa viagem e descubra.



Susana Ventura é doutora em letras pela USP, pesquisadora, escritora e tem vinte livros publicados. Ganhou o 3º lugar no prêmio Jabuti 2017 com o romance juvenil O caderno da avó Clara, publicado pela SESI-SP Editora. Estuda contos de fadas de autoria feminina e as representações artísticas realizadas por mulheres em torno do tema.

Projeto de Leitura



“Pontes de Cordas”: Projeto dá novo fôlego ao Cordel

Artigo de Adriana Santiago



O Cordel é um gênero literário popular com origem na oralidade de diversos povos, inclusive em terras portuguesas. O cordel era a forma dos artistas “cantarem” seus versos e contarem as histórias do lugar, usando o único recurso que tinham na época: a voz. Publicar livros era algo caro e realizado apenas pelas classes ricas e de elevada posição social: nobres, alto clero, aristocracia. Aos pobres e plebeus cabia o uso da voz como recurso, para passar adiante as histórias criando a arte da prosa e da poesia. Aventuras, histórias de amor ou de viagens; monstros do mar e outras histórias do imaginário coletivo da época eram temas das “cantorias poéticas”, assim como das peças de teatro. Com a invenção da imprensa, publicações simples em papéis rústicos começaram a ser feitas, dando às histórias contadas oralmente mais um fôlego, mais tempo de vida, registrando no papel as histórias locais.

O projeto **Pontes de Cordas**, idealizado pela escritora e professora **Cláudia Fernandes Marczak**, que há um ano reside e trabalha na área de educação em Portugal, vem propor o estudo sistemático do cordel com toda sua riqueza cultural, aos alunos do final do primeiro ciclo e início do segundo ciclo, com a intenção de não deixar morrer esse rico gênero literário, especialmente em Portugal, onde o cordel não é amplamente conhecido pela população em geral.

Cláudia reside em Braga, norte de Portugal e leciona em uma escola pública na cidade de Guimarães, dá aula de artes performativas junto a uma companhia de teatro chamada “Oficina”. Guimarães é uma pequena e charmosa cidade, a primeira capital desse país de cultura milenar. Em seu projeto, a professora Cláudia explica a origem do nome cordel:



“Com a invenção da imprensa, folhetos modestos, impressos em material rústico de fácil leitura eram vendidos a preços acessíveis e expostos em cordas penduradas em feiras ou até mesmo no corpo dos cegos que contavam as histórias locais e por meio da arte do cordel conseguiam angariar algumas moedas para sobreviver”.

Os colonizadores portugueses trouxeram a cultura do cordel para o Brasil e aqui ele se expandiu, cresceu e se tornou forte meio de comunicação e expressão artística e cultural.

O Projeto Pontes de Cordas faz uma alusão às pontes que são símbolos de união entre dois pontos, neste caso entre Brasil e Portugal, e ainda representa o “superar obstáculos”. Levar ao conhecimento dos alunos o gênero literário Cordel para que este não morra, não fique no esquecimento e que ganhe vida através das próximas gerações, esse o objetivo, o obstáculo a ser superado.

Dentre várias ações o Projeto Pontes de Cordas propõe a produção de dois livros: ***“Pontes de Cordas – O fio do novelo; e “Rapel – as rimas que ainda encantam”***. No primeiro livro, Vasco e Mundinho, personagens do livro, fazem uma viagem pelo mundo das culturas portuguesa e brasileira, descobrindo e se encantando com o fazer poético do

cordel, ***“desbravando caminhos tortuosos que as rimas enfrentaram para chegar até os dias atuais”***, (enunciado do projeto). O livro dois, “Rapel : as rimas que encantam” vem com força total para “arrebanhar” crianças e jovens na aventura da leitura, seguindo Vasco e Mundinho na descoberta de outros movimentos populares que atualizaram e urbanizaram as trovas e rimas. O Rap (rhythmandpoetry), o Hip Hop e outros movimentos que surgiram nas periferias também se utilizam do ritmo, das rimas e da poesia, podendo ser uma versão moderna do cordel. Daí o nome Rapel: Rap e cordel.

Para completar o trabalho, o blog “**O Periscópio**”, administrado pela professora Cláudia Marczak e alimentado por alunos do ensino Fundamental e Médio, que já existe desde 2015, tem a função de disseminar a literatura e cultura lusófonas entre as comunidades de Língua Portuguesa espalhadas pelo mundo.

O projeto **Pontes de Cordas** apresenta, com riqueza de detalhes, a possibilidade de difundir o cordel entre alunos do Ensino Fundamental, mostrando sua origem e caminhos percorridos até os dias atuais, dando vida nova e fôlego a esse gênero literário, valorizando a arte de nossos ancestrais.

Para tanto, a professora e escritora, Cláudia Marczak busca apoio e patrocínio de universidades, editoras, prefeituras e demais setores que tenham interesse e possam incentivar a educação e a cultura, sendo estes os únicos meios de promover o desenvolvimento social de um país.

Cláudia Fernanda Marczak é professora e escritora. Já publicou dois romances, dois livros de poemas, um de contos, e livros infantis e infanto-juvenis.



Série Literária

**TUDO
FOI
VIVIDO**

Romance de
Marina Marino

Capítulo 6: A brasileira Zenaide

Caminhar descalça pela praia é, sem dúvida, a atividade preferida de Zenaide. Gosta de sentir o calor e a textura da areia nas solas dos pés, gosta ainda mais quando os pés são lavados pela onda que chega leve e tranquila. Poderia ficar ali por horas, sentindo aquela liberdade, o vento no rosto, não fosse o excesso de trabalho que tem.

Zenaide é cozinheira de mão cheia, como dizem. Tem um pequeno restaurante perto da orla, onde oferece uma boa caldeirada de frutos do mar que já é famosa na região, além dos pasteizinhos de queijo que serve como aperitivo.

Ela mesma cozinha com uma ajudante. O local é pequeno, tem quatro mesas, sempre arrumadas com uma toalha xadrez vermelha e branca e um vidro de pimenta para quem quiser temperar mais a comida.

Desde menina adorava cozinhar. Aprendeu com a avó quituteira, que sustentava a família com pasteis e bolinhos de arroz. A avó vendia os quitutes no bairro onde moravam, em Niterói, num pesado tabuleiro, que ela mesma carregava, até o ponto de ônibus. Conforme foi crescendo, Zenaide começou a ajudar a avó e se encantou com o ofício.

Quando a avó morreu, ela resolveu seguir o mesmo caminho, já que sua herança foram as boas receitas. Assim que pode, alugou uma pequena casa onde fez o restaurante na sala da frente. Mas, como tinha espaço, resolveu criar um brechó no fundo do quintal, no começo para se desapegar das coisas que a avó deixou, mas com o tempo o brechó foi se mostrando um lugar muito especial, um lugar de boa conversa e de muita ajuda.

Depois de um pastelzinho e um copo de limonada, quem é que não se abriria para contar as tristezas e as alegrias? Quem é que não se acalmaria e começaria a falar? O que estivesse na alma, logo sairia para fora e encontraria os ouvidos da Zenaide para desabafar.

Muitos problemas foram resolvidos ali, nos fundos do restaurante. Mulheres se esconderam de maridos violentos, meninas se protegeram de rapazes torturadores, famílias se esconderam para fugir de chefes de facções criminosas.



Só quem mora em meio a tanta violência urbana sabe que, sem ajuda, nada muda. Muitas vezes é preciso até fugir, mudar de cidade e para isso Zenaide não media esforços. Tudo o que arrecadava com o brechó era destinado à essas necessidades.

Naquele dia, em que ela estava na praia, relaxando, acabou se lembrando que chegaria um lote de doações para o brechó e correu para receber. Ao atravessar a rua, viu o caminhão estacionado em frente a seu restaurante, descarregando um monte de caixas.

Zenaide abriu o portão enferrujado e, um pouco sem folego, disse aos entregadores para deixarem lá no fundo que depois ela olharia.

Um dos homens voltou-se para ela e avisou:

- Dona Lúcia recomendou muito cuidado com esta caixa. Disse que é especialmente para você, um presente, por ter ajudado a filha. Não vai olhar?

Sim, claro que iria. Abriu a caixa cuidadosamente e ali encontrou uma linda caixa de música, com um bonito cavalo branco em cima.

- Ah que coisa linda! Agradece a Lúcia por mim. Nunca vi caixa tão bonita e é novinha, vou guardar na minha cozinha e ouvir essa música enquanto preparo o almoço de hoje. Vocês ficam para o almoço?

Foi o que Zenaide fez. Antes de picar as cebolas e os tomates, deu corda na caixinha de música e ouviu estarecida uma canção que a fez arrepiar. Já tinha escutado aquela música, mas onde? Deixou que as notas penetrassem seus ouvidos e chegassem ao seu coração.

Enquanto misturava os ingredientes na panela, veio à sua mente um enorme caldeirão, com um caldo borbulhante, que era mexido por mãos delicadas. O perfume de sua comida misturava-se com a memória afetiva da comida do caldeirão. Já não sabia mais o que era real, o que era lembrança....

Aqueles cheiros a remeteram para um lugar diferente e longínquo, não era o cheiro de mar que conhecia... que aroma seria aquele? Terra molhada misturada com ervas perfumadas... A chegada do primeiro cliente para almoçar a fez voltar do estado de êxtase que se encontrava.

“A vida real me chama”, pensou ela e foi fritar os pastéis.

Enquanto lavava a louça, foi chamada com urgência para ir “aos fundos”. Chegando lá viu uma jovem com um bebê no colo, muito assustada e com medo. Logo soube que a comunidade onde morava foi invadida, era a guerra do tráfico. Entraram em sua casa para procurar seu marido. Ela conseguiu fugir com o bebê pulando o muro com ajuda do vizinho.





- Aqui você estará protegida, vou te abrigar atrás do brechó. Vem comigo.

Zenaide pediu à ajudante para trazer um prato de comida, pastéis e limonada para a moça, que logo estaria mais tranquila. Porém o sentimento de insegurança é muito grande em pessoas que vivenciam esse tipo de violência. Provavelmente a jovem não conseguiria dormir, pois sua mente estaria com o marido, tentando descobrir seu paradeiro, se tinha sido pego, se estava vivo. Em pouco tempo, ela resolveria partir e provavelmente voltaria para aquele ambiente hostil de onde fugira.

A experiência neste tipo de ajuda dá a Zenaide uma certeza: sozinha ela não vai poder mudar este estado de violência urbana que se espalhou por quase todo o país, mas pode ajudar alguém a preservar sua integridade e autonomia.

A noite acalmou a todos, que dormiram profundamente. No dia seguinte, Zenaide enviaria a jovem e o bebê para sua cidade natal. Já tinha conversado com sua mãe ao telefone e ela estava pronta para receber a filha e o neto.

Foi para seu quarto, em cima do restaurante e levou o presente que ganhara de Dona Lúcia. Depois de um banho refrescante, vestiu uma camisola leve, sentou-se na cama e começou a apreciar a caixa.

“Talvez esta caixa queira me lembrar alguma coisa. Minha avó sempre dizia que podemos escolher o que vamos lembrar”, pensou ela. Foi então que Zenaide encontrou o papel delicado que se escondia dentro da caixa, onde ela pode ler: “Você está sendo chamada.”

- Será que Lúcia precisa de mim? – disse em voz alta.

Ela sabia que não se tratava de Dona Lúcia, este era um chamado muito além do que ela poderia conceber. Se quisesse descobrir e lembrar o que precisa ser lembrado é melhor deixar a mente aberta.

Dormiu com a serenidade de quem sabe o que fazer para se lembrar do passado, de quem reconhece que vem de longe, de um lugar que não é esse.

A memória volta, como a onda do mar. Além disso o coração nunca esquece. Tudo o que foi vivido será revelado a cada uma dessas mulheres, espalhadas pelos quatro cantos do mundo.



Continua...



Nossa Equipe

Colunistas:

ADRIANA SILVA SANTIAGO
ALDIRENE MÁXIMO
ELIAQUIM BARBOSA

Autores convidados:

ALEXANDRA JACOB
JOSÉ ROTHADI
ITANIRA SOARES

Editora:

MARINA MARINO

Direção de Arte:

MÁRCIA GAUSS

Jornalista Responsável:

FÁBIO RUOCCO

Pesquisa e diagramação:

EQUIPE EDITORA VOO LIVRE

Fotografias e Ilustrações:

CEDIDAS PELOS AUTORES
FREEPIK.COM

**Copyright©Voo Livre Revista
Literária**

1001/1-58/2021

Contato:

marina@livrariavoolivre.com.br

VOO LIVRE

revista literária

Até a próxima edição!

